



---

**Estratégias de enunciação em *Cercados*, uma análise semiótica sobre as espacialidades no documentário e seus efeitos de sentido <sup>1</sup>**

Ana Silvia Lopes Davi MÉDOLA<sup>2</sup>

Taíssa Maria Tavares GUERREIRO<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP

**RESUMO**

O presente artigo analisa o documentário brasileiro *Cercados*, produzido pela *Globoplay*, que retrata os desafios da cobertura jornalística do primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Amparados nos referenciais da semiótica discursiva de Algirdas Julien Greimas e da teoria da enunciação, objetiva-se analisar três das principais espacialidades projetadas no documentário a fim de identificar as temáticas produzidas e seus efeitos de sentido. Os resultados apontam que a alternância das espacialidades nas sequências narrativas indica ao enunciatário a inconsistência das versões negacionistas, na medida em que engendra isotopias temáticas, as quais denotam a efetividade da organização discursiva do documentário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cercados; Enunciação; Tematização; Covid-19; Documentário;

**INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos ficou ainda mais evidente a luta traçada pela imprensa brasileira para resistir aos ataques e agressões protagonizados por grupos negacionistas. Durante o início da pandemia da Covid-19 no Brasil, observamos que estratégias cada vez mais diversificadas foram sendo criadas com o objetivo de autenticar a importância do jornalismo como instituição social que defende os direitos da sociedade.

Uma dessas estratégias concretizou-se na produção do documentário *Cercados*, produzido pela *Globoplay* e dirigido por Caio Cavechini. Objeto de análise deste trabalho, *Cercados* foi lançado em 03 de dezembro de 2020. O documentário possui duração de 1 hora e 56 minutos e retrata o cotidiano de profissionais dos veículos de comunicação: *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Portal G1*, *Rádio Bandnews FM*,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 03 – Comunicação em Tempos de Crise e Interfaces Tecnológicas da III Jornada de Folkcomunicação da Amazônia.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Livre-docente em Comunicação Televisual. Líder do GEA - Grupo de Estudos Audiovisuais, e-mail: [ana.silvia@unesp.br](mailto:ana.silvia@unesp.br).

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, e-mail: [taissa.guerreiro@unesp.br](mailto:taissa.guerreiro@unesp.br).



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação  
V Encontro de Comunicação de Parintins  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



---

*TV Cultura de Fortaleza, TV Globo*, além de agências internacionais e coletivos de imprensa. Paralelo ao trabalho dos jornalistas, o documentário aborda ainda os conflitos que envolveram o Estado, além das consequências que a propagação em massa do vírus trouxe ao país.

O escopo deste trabalho compõe parte das reflexões iniciais de um projeto de pesquisa de mestrado que se originou da necessidade de estudar as novas formas de discurso produzidas pela mídia, as quais acreditamos ser utilizadas como estratégias diante de um cenário de desvalorização do trabalho jornalístico. Amparado nos referenciais da semiótica discursiva de Algirdas Julien Greimas e da teoria da enunciação, este trabalho objetiva analisar três das principais espacialidades projetadas em *Cercados* a fim de identificar as temáticas produzidas e seus efeitos de sentido.

Os conceitos teóricos aqui mencionados não são explanados em sua totalidade, mas fornecem subsídios para as articulações propostas. A intenção deste trabalho não é realizar uma análise aprofundada sobre as estratégias discursivas contidas no documentário – tal proposta nem caberia nos limites de um artigo –, mas promover reflexões, ainda que num grau inicial, sobre o processo de enunciação e a produção de sentidos no texto midiático audiovisual, nesse caso um documentário.

### **A enunciação como instância mediadora no percurso gerativo de sentido**

De acordo com Barros (2005) o objeto da semiótica é o texto, uma vez que busca descrever e explicar o que o texto diz e como faz para dizer o que diz. Entretanto, a noção de texto aqui mencionada está para além da compreensão de objetos empíricos constituídos apenas verbalmente, ampliando a concepção para o contexto visual, gestual e até mesmo sincrético. Assim, consideramos não apenas os textos linguísticos orais ou escritos como poesias, romances, editoriais jornalísticos, orações, discursos políticos, aulas, conversas, mas também os textos que se caracterizam nas mais diversas manifestações, sejam elas gestuais, visuais, verbais ou sincréticas, como aquarelas, gravuras e danças. Há ainda os textos sincréticos, que são aqueles que possuem mais de uma expressão, como quadrinhos, canções populares e filmes (BARROS, 2005).



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação  
V Encontro de Comunicação de Parintins  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



A autora destaca que um texto pode ser definido de duas formas: a) como um objeto de significação, no qual a organização/estruturação faz dele um “todo de sentido”; b) como objeto de comunicação entre dois sujeitos. Enquanto na primeira definição o texto é analisado em sua estrutura interna, a segunda considera elementos do contexto externo, o que provoca debates entre os teóricos. Apesar das diferenças conceituais, Barros (2005) pondera que a definição de texto deve ser considerada nessa dualidade, pois a semiótica ao mesmo tempo em que examina os procedimentos de organização textual, também considera seus mecanismos de produção e recepção.

Nesse sentido, ao utilizar a semiótica discursiva como método de análise do discurso, realizamos a desconstrução de um texto com o objetivo de identificar as leis que regem seu discurso e as produções de sentido contidas nele. Para isso, adota-se um modelo de representação da produção de sentido: o percurso gerativo de sentido (FLOCH, 2001). Esse processo de geração de sentido é composto por níveis de análise que evidenciam como o sentido de um texto é produzido e interpretado, num processo que vai do mais simples ao mais complexo (FIORIN, 2018). Jean-Marie Floch esclarece o uso do termo “gerativo”:

*O percurso gerativo da significação é uma representação dinâmica dessa produção de sentido; é a disposição ordenada das etapas sucessivas pelas quais passa a significação para se enriquecer e, de simples e abstrata, tornar-se complexa e concreta. Compreende-se a escolha do termo "percurso". Mas por que "gerativo"? Por que todo o objeto significante, para a semiótica, pode – e deve – ser definido segundo seu modo de produção, e não segundo a "história" de sua criação: "gerativo" se opõe assim à "genético" (FLOCH, 2001, p. 15, grifo do autor).*

Assim, o percurso gerativo de sentido é classificado em três níveis: profundo (ou fundamental), narrativo e discursivo. Em cada um desses níveis existe um componente sintático e um componente semântico. No primeiro nível (fundamental), a semântica abriga as categorias semânticas que estão na base da construção do texto, as quais fundamentam-se em uma oposição, mas que possuem um traço comum e que por isso mantêm uma relação de contrariedade, por exemplo: vida *versus* morte. Cada um desses elementos recebe uma qualificação semântica: euforia ou disforia, sendo a primeira um



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação  
V Encontro de Comunicação de Parintins  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



---

valor positivo e a segunda um valor negativo. Fiorin (2018) ressalta que “euforia e disforia não são valores determinados pelo sistema axiológico do leitor, mas estão inscritos no texto” (p. 23). Por conseguinte, a sintaxe desse nível compreende duas operações: negação e asserção. Essas duas operações são analisadas no contexto das categorias semânticas na medida em que aparecem no texto. Nesse sentido, a semântica e a sintaxe do nível profundo caracterizam-se como o ponto de partida do percurso gerativo de sentido, e buscam explicar os níveis abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso.

O segundo nível é o narrativo, e para compreender as questões envolvidas nele, o autor distingue o conceito entre narratividade e narração. Segundo Fiorin (2018, p. 27) “narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa dizer que ocorre uma narrativa mínima quando se tem um estado inicial, uma transformação, e um estado final”. Na sintaxe narrativa desse nível, existem dois tipos de enunciados elementares: enunciados de estado – os quais constituem relações de disjunção ou conjunção entre um sujeito e um objeto, e os enunciados de fazer – os quais mostram as transformações e correspondem à transição de um enunciado de estado a outro. Para Fiorin (2018) os textos não são narrativas mínimas, mas sim narrativas complexas, pois abrangem enunciados de estado e de fazer que estão organizados em sua estrutura.

Por último, o nível discursivo é onde “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude” (FIORIN, 2018, p. 41). É no nível discursivo que se produz variações que em conteúdos narrativos são definidos como invariantes. Nesse nível, a sintaxe discursiva estuda as marcas da enunciação no enunciado, analisando três procedimentos de discursivização: a actorialização, a espacialização e a temporalização.

Para Greimas e Courtés (2020, p. 166) a enunciação é a “instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)”. Assim, compreendemos a enunciação como a instância das categorias semânticas – pessoa, tempo e espaço – na qual se constrói uma discursivização. Embasado



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação  
V Encontro de Comunicação de Parintins  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



---

em Benveniste, Fiorin (2018) acrescenta que é a instância de um “eu-aqui-agora”, onde o “eu” realiza um ato de dizer que está inserido em um dado tempo (agora) e espaço (aqui).

Fiorin (1996) esclarece que na teoria da enunciação os estudos sobre o espaço privilegiam a ambientação como sendo da ordem da semântica da espacialidade e uma das concepções de sustentação é a de que “o espaço é um objeto construído a partir da introdução de uma descontinuidade na continuidade” (FIORIN, 1996, p. 260). Tal característica projeta, no âmbito do discurso, desde relações espaciais simétricas e reversíveis até a pluridimensionalidade espacial. De acordo com Greimas e Courtés:

No percurso gerativo global, espacialização aparece como um dos componentes da discursivização (da colocação em discurso das estruturas semióticas mais profundas). Comporta, em primeiro lugar, procedimentos de localização espacial, interpretáveis como operações de debreagem e de embreagem efetuadas pelo enunciador para projetar fora de si e aplicar no discurso enunciado uma organização espacial mais ou menos autônoma, que serve de quadro para a inscrição dos programas narrativos e de seus encadeamentos.

Nessa perspectiva, entendemos que os espaços são projetados no âmbito do discurso com o intuito de construir ambientação/representação de determinada realidade. E é analisando as marcas deixadas pela enunciação que se torna possível reconstituir o percurso gerativo de sentido do texto e, conseqüentemente, os efeitos de sentido projetados.

Por conseguinte, na semântica discursiva do terceiro nível, dois conceitos se destacam: a) tematização; b) figurativização. Greimas e Courtés (2020) definem tematização como um procedimento que, tomando valores – já identificados nos outros níveis – os difunde sob a forma de temas, pelos programas e percursos narrativos, o que abre caminho para uma eventual figurativização. Desse modo, compreendemos o tema como sendo um elemento semântico, de natureza conceptual, que não está fisicamente manifestado no mundo natural, mas possui relação com ele. Alguns exemplos de tema: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, dentre muitos outros (FIORIN, 2018).



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação  
V Encontro de Comunicação de Parintins  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



A figurativização é definida em Barros (2005) como o procedimento pelo qual figuras do conteúdo ilustram os temas abstratos percebidos no texto e lhe dão traços de revestimento sensorial. Fiorin (2018, p. 91) afirma que a figura “é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural”. Assim, podem ser consideradas figuras desde uma árvore até vagalumes.

De acordo com Floch (2001) a partir da figuratividade que o enunciador adiciona no discurso, esbarramos em um conceito fundamental para a semiótica, que é correlato à coerência textual: isotopia. Greimas e Courtés (2020) definem isotopia como “[...] a recorrência de categorias sêmicas, quer sejam essas temáticas (ou abstratas) ou figurativas [...]”. Em outras palavras, isotopia é a reiteração de temas e a repetição de figuras no discurso, que permitem, através desse retorno constante de sentido, a construção de sua coerência semântica. Podem ser distinguidas em dois tipos: isotopias temáticas – as quais reiteram temas –; isotopias figurativas – as quais se caracterizam pela redundância de traços figurativos (BARROS, 2005).

Dessa forma, ao analisar as marcas das isotopias temáticas encontradas em um texto é possível identificar seus efeitos de sentido e suas estratégias de significação. Os aspectos apontados nas espacialidades explanadas em *Cercados*, como veremos a seguir, nos remetem ao ambiente de cerceamento vivenciado pela imprensa, além de evidenciar os riscos e a inconsistência das versões negacionistas.

### **Os efeitos de sentido engendrados pela figurativização e tematização em *Cercados***

Em *Cercados* são expostos vários acontecimentos relacionados aos desafios enfrentados pela imprensa durante a cobertura da pandemia de Covid-19 no Brasil. Diante da variedade de espaços retratados dentro do documentário, para este trabalho elegemos apenas três das principais espacialidades que o roteiro destaca: a) o cercadinho do Palácio da Alvorada; b) os hospitais de São Paulo; c) o cemitério público de Manaus.

O plantão realizado pela imprensa no Palácio da Alvorada é o problema central apresentado no documentário, o qual, inclusive, deu origem ao título da obra. As grades

que impediam a circulação da imprensa no local passaram a ser chamadas de “cercadinho”, abrigando tanto os jornalistas dos principais veículos de comunicação do país, quanto os apoiadores do presidente Jair Bolsonaro – os quais protagonizaram inúmeras agressões verbais contra os profissionais.

O momento de maior conflito no cercadinho pode ser visto no time 01:24:21 quando os apoiadores do presidente de Bolsonaro “encurralaram” a mídia insultando ofensas como: “você são um lixo”, “a Globo é um lixo”. O fato ocorreu no dia 25 de maio de 2020, após os veículos de comunicação veicularem fragmentos do vídeo da reunião ministerial de 22 de abril de 2020, que compunha o material de investigação sobre a interferência ou não do Executivo na Polícia Federal. Nos vídeos são explicitadas conversas entre Jair Bolsonaro e seus ministros, destacando ilegalidades, falta de compostura e despreparo para lidar com a crise sanitária.



**Figura 01 – Apoiadores de Bolsonaro intimidando jornalistas no dia 25 de maio de 2020.**

Fonte: Documentário *Cercados*.

Os temas identificados na sequência de cenas sobre o cercadinho são: cerceamento, restrição, negação, afronta, ofensa, dentre outros. Assim, o sentido produzido reflete a busca por “humanizar” nas telas a figura do jornalista, que, no exercício de sua profissão, encontra-se vulnerável à violência.

Outra espacialidade recorrente no documentário é o ambiente hospitalar. Dois hospitais são destacados durante o documentário: o Hospital Vila Penteados de São Paulo e o Hospital Tide Setúbal de São Paulo. O documentário explicita as estratégias utilizadas

pela equipe do *Profissão Repórter* para a captação de imagens internas do Hospital Vila Penteadado, uma vez que o acesso ao interior dos hospitais ficou restrito aos profissionais por medidas de segurança contra a propagação do vírus. Dessa forma, a equipe jornalística solicita que o médico Heider Alves acople uma câmera em sua testa para que seja possível registrar a rotina dos profissionais da saúde no combate à Covid-19.

Nas cenas do time 31:58 as imagens captadas pelo médico mostram o interior das Unidades de Terapia Intensiva (UTI) com leitos lotados e equipes médicas persistindo até o último minuto para salvar vidas de pacientes infectados pela Covid-19. Observamos nos trechos a presença de alguns elementos como: enfermeiros com máscaras, pessoas internadas, monitores cardíacos, desfibriladores e ventiladores pulmonares, ou seja, pessoas e figuras que caracterizam uma UTI, e que nos remetem a temas como tristeza, doença, sofrimento, agonia, desespero, restrição, entre outros.



**Figura 02 – Interior do Hospital Vila Penteadado com leitos de UTI lotados.**

Fonte: Documentário *Cercados*.

O ambiente hospitalar também é representado com imagens do exterior do Hospital Tide Setúbal de São Paulo, local onde pessoas aguardam por informações sobre o estado de saúde dos familiares que estão internados. Diferente das imagens captadas no interior do outro hospital, fora do Tide Setúbal vemos a movimentação de pessoas ao receber informações sobre o estado de piora ou óbito de seus familiares, além da presença de uma ambulância.

No time 01:32:47 Eliza Marinho, esposa de Sebastião Marinho que estava internado, conversa com a repórter Danielle Zampollo do *Profissão Repórter* e revela à jornalista que descobriu a localização do quarto do esposo. As cenas seguintes evidenciam as paredes do hospital e Eliza Marinho fazendo orações com a mão firmada no local onde encontra-se o quarto do esposo no exterior do prédio. Já no time 01:42:16, vemos um grupo de pessoas orando juntas do lado externo do Hospital Tide Setúbal e direcionando as mãos para a parede onde se estão os quartos das pessoas internadas.



**Figura 03 – Eliza Marinho orando na área externa no Hospital Tide Setúbal de São Paulo.**

Fonte: Documentário *Cercados*.



**Figura 04 – Grupo de pessoas orando na área externa no Hospital Tide Setúbal de São Paulo.**

Fonte: Documentário *Cercados*.

Nessa ambientação identificamos os mesmos temas já mencionados anteriormente no interior do Hospital Vila Penteadado, entretanto, outras pessoas são evidenciadas e as figuras recorrentes são outras: paredes, ambulâncias, etc. Os temas que emergem dessas sequências narrativas também estão relacionados à tristeza, doença, sofrimento, agonia, desespero, restrição, isolamento, entre outros. Ou seja, são espacialidades diferentes, com figuras diferentes, que transmitem os mesmos temas – e nessa breve análise já identificamos as isotopias temáticas presentes.

Outra espacialidade explanada em *Cercados* é o cemitério público de Manaus. A partir do time 07:06, a sequência de cenas evidencia o cemitério entrando em colapso após muitos enterros. Os fotógrafos Raphael Lopes e Edmar Barros, profissionais que trabalham para agências internacionais de notícias, registram a situação tensa que pairava sob a capital amazonense. Em meio a imagens dos fotógrafos realizando seu trabalho e revelando as dificuldades de atuar no cenário pandêmico, o documentário mostra também as imagens registradas pelos fotógrafos.



**Figura 05 – Fotógrafo Edmar Barros registrando enterros em valas comuns no cemitério público de Manaus.**

Fonte: Documentário *Cercados*.

Com a exibição das imagens de caixões dentro de valas comuns sendo enterrados com auxílio de uma retroescavadeira, podemos inferir que o documentário tenciona mostrar a face mais obscura da Covid-19, as consequências causadas por um vírus até então desconhecido, subestimado por negacionistas que se recusam a acreditar na gravidade da doença. Nesse sentido, ao analisar a espacialidade do cemitério, podemos



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação  
V Encontro de Comunicação de Parintins  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



---

citar figuras recorrentes: cruz de madeira, coroa de flores, urnas funerárias, retroescavadeira, dentre outras. Do ponto de vista temático, temos a produção de efeitos de sentido engendrados nos temas: morte, tristeza, sofrimento, desespero, restrição.

### **Considerações Finais**

Com a síntese das análises iniciais descritas, foi possível identificar parte das estratégias de enunciação contidas no documentário *Cercados*, produzido pela *Globoplay* do *Grupo Globo*, no que se refere às espacialidades. Através da observação dos conceitos de tematização e figurativização, ambos pertencentes à semântica discursiva do terceiro nível, identificamos as isotopias temáticas presentes na obra e os efeitos de sentido produzidos por elas.

Ao analisar três dos principais espaços destacados no documentário, percebemos algumas estratégias discursivas tencionadas na organização do discurso. O cercadinho é o lugar onde são plantadas as versões negacionistas do presidente Jair Bolsonaro e de seus apoiadores sobre a gravidade da Covid-19, ao mesmo tempo em que observamos ser este o principal espaço de invalidação do trabalho jornalístico. Do mesmo modo, ao expor a realidade dos hospitais, o documentário explicita o quão sofrida é a vida das pessoas infectadas pela Covid-19 e também de seus familiares que aguardam por informações. Já o cemitério expõe a face mais radical das consequências da doença, ou seja, é o espaço que figurativiza a morte.

Nesse sentido, a alternância das espacialidades em *Cercados* é um aspecto em destaque, sobretudo quando são expostos contrapontos entre versões na intercalação de cenas do cercadinho, do hospital e do cemitério. Durante todo o roteiro, percebemos a estratégia de criar sequências narrativas que indiquem ao enunciatário a inconsistência das versões negacionistas, demonstrando, assim, a efetividade da organização discursiva do documentário.

As isotopias são reforçadas por figuras que remetem às temáticas de tristeza, angústia, morte, desespero, restrição, sofrimento, ou seja, temas que o documentário propõe alertar do início ao fim e que emergem das espacialidades expostas. Alguns desses



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação  
V Encontro de Comunicação de Parintins  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



---

espaços são englobados e outros englobantes, mas todos encaminham ao mesmo sentido: estamos cercados tanto pelo risco de contágio do vírus da Covid-19, quanto pelo discurso negacionista, e este último se caracteriza duplamente, seja pela negação do próprio vírus, seja pela negação do trabalho jornalístico.

## **REFERÊNCIAS**

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

CERCADOS. Direção: Caio Cavechini. Produção de Ali Kamel, Erick Brêtas e Ricardo Villela. Brasil: Globoplay, 2020. Disponível em:  
<https://globoplay.globo.com/v/9064966/programa/?s=01h35m56s>. Acesso em: 16 jul. 2021.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

FLOCH, J. M. Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral. *In: Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas – 1*. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2020.